Título: Falta de interesses comuns dificulta agenda consensual
Veiculo: Diário do Comércio - SP
Seção: Economia
Página: 8
Data: 15/4/2010 09:10:00

Falta de interesses comuns dificulta agenda consensual

Patrícia Büll

Menos afetados pela crise financeira internacional do que as nações mais desenvolvidas, os Brics querem agora aproveitar o bom momento para definir uma agenda comum, a ser apresentada no encontro do G-20 (as 20 economias mais importantes do planeta), previsto para a próxima semana. Entretanto, na opinião do professor de economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/ USP), Carlos Eduardo Soares Gonçalves, esse encontro não trará resultados práticos pela falta de interesses comuns.

"Esse apelido (Bric) foi criado por um economista (*veja abaixo*) que viu nesses países um potencial de crescimento acima da média mundial – e isso é a única coisa comum entre eles", afirma. Apesar disso, o professor reconhece que o desempenho dessas nações durante a crise – com exceção da Rússia, mergulhada em déficits por conta da queda das exportações – deu aos países o direito de pressionar por mudanças no sistema financeiro mundial.

Posições distintas – A professora do Núcleo de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Denilde Holzhacker, concorda que a principal dificuldade de uma ação conjunta entre os quatro países se deve ao fato de terem interesses e posições distintas no sistema internacional. "A primeira reunião, realizada no ano passado, demonstrou que a convergência de interesses não é simples. A Cúpula de Brasília tem o objetivo de conciliar os interesses e construir uma agenda comum: a reforma do sistema financeiro internacional e a diminuição do peso do dólar como moeda de reserva internacional."

Brasil – Para Carlos Honorato, coordenador do Grupo de Políticas Públicas do Programa de Estudos do Futuro da Fundação Instituto de Administração (Profuturo/FIA), é importante que o Brasil participe dessas discussões conjuntas – mas sem perder a chance de manter uma agenda que traga benefícios para o País.

Na opinião de Olavo Henrique Furtado, coordenador de pós-graduação e MBAs da Trevisan Escola de Negócios, o fato de o Brasil sediar o encontro traz uma inserção internacional e política importante, que o País dever aproveitar para se firmar como um ator principal nas negociações internacionais.

Grupo de países pode aumentar

O acróstico Bric foi criado em 2001 pelo economista Jim O'Neill, chefe de Pesquisa Econômica Global da Goldman Sachs, um dos maiores bancos de investimentos do mundo, a partir de um estudo que fez sobre o desempenho da economia mundial até 2050. O documento apontou que nas próximas décadas, Brasil, Rússia, Índia e China – países que emprestam a primeira letra do nome para formar a sigla – ocuparão o topo no ranking das maiores economias do mundo.

Novos participantes – Para o professor Carlos Honorato, coordenador do Grupo de Políticas Públicas do Programa de Estudos do Futuro da Fundação Instituto de Administração (Profuturo/FIA), os Brics foram identificados em razão de contarem com uma série de características em comum – e que hoje poderiam ser estendidas para países como México, Indonésia, Paquistão, África do Sul e Turquia. "Existe espaço para que esse grupo de países emergentes tentem influenciar mais as forças globais e negociações multilaterais."

Já a professora do Núcleo de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Denilde Holzhacker, a ampliação do número de países no grupo poderá dificultar a definição de uma agenda comum. (**PB**)